

CYRO DE MATTOS

Ilustrações

EVANDRO LUIZ

# HISTÓRIAS DO MUNDO QUE SE FOI (e outras histórias)

*Prêmio Adolfo Aizen, da União Brasileira  
de Escritores (RJ), 1997*

*Selecionado para o PNLD-SP/2004*

*Obra adquirida pela Fundação  
Luís Eduardo Magalhães*



4ª edição

5ª tiragem, 2018.

CL: 810027  
CAE: 571330

Copyright © Cyro de Mattos, 2003

*Editor:* ROGÉRIO GASTALDO  
*Assistente editorial:* KANDY SGARBI SARAIVA  
*Secretária editorial:* ANDREIA PEREIRA  
*Suplemento de trabalho:* ROSANE PAMPLONA  
*Coordenação de revisão:* LIVIA MARIA GIORGIO  
*Gerência de arte:* NAIR DE MEDEIROS BARBOSA  
*Supervisão de arte:* VAGNER CASTRO DOS SANTOS  
*Layout de capa:* ANTONIO ROBERTO BRESSAN  
*Projeto gráfico e diagramação:* SETUP BUREAU E  
EDITORAÇÃO  
ELETRÔNICA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Mattos, Cyro de

Histórias do mundo que se foi (e outras histórias) / Cyro de Mattos ; ilustrações Evandro Luiz. — 4. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-07957-1

1. Literatura infantojuvenil I. Luiz, Evandro. II. Título.  
III. Série.

02-5968

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos reservados à  
SARAIVA Educação S.A.

Dedico a todos os meninos  
que viveram comigo a aventura  
da infância.



# SUMÁRIO

<b>HISTÓRIAS DO MUNDO QUE SE FOI</b>	<b>9</b>
○ tempo era lindo	11
As uvas do delegado	17
Um herói em minha ilha	20
Lição de amor	26
Os dias guardados no coração	29
<b>HISTÓRIAS DIVERTIDAS</b>	<b>37</b>
Dona Joventina, uma grande heroína	39
○ Ano-Novo de Pedro Cotia com o filho Peri Cantoria	45
<b>HISTÓRIAS SINGULARES</b>	<b>51</b>
A moça e o globo da morte	53
Passarinho nas mangueiras	57
○ velho que adivinhava	61
○ menino e o vento	64
○ homem que não conhecia Deus	68



# HISTÓRIAS DO MUNDO QUE SE FOI







# O tempo era lindo



É preciso ter vivido muitos anos para saber que a recordação de certos fatos e coisas nada mais é do que saudade da vida que passa com os dias, semanas e meses. As pessoas, bichos, casas e ruas fogem como nuvens, ninguém pode retê-los. Infelizmente.



Nossa rua era estreita, iluminava-se nas férias com os gritos dos meninos. Natural que no jogo de bola acontecesse a disputa acalorada. Sustos com a vidraça quebrada da mulher gorda, que a um só tempo chegava no batente da porta e furava a bola. Mas não encontrava um menino sequer para perguntar agitada quem foi o pestinha que agora tinha dado a ela aquele prejuízo grande.



Em nossa rua o estilingue mais certo era o do irmão. Ao cair da tarde, ele chegava com a capanga\* cheia de passarinhos.

\* Espécie de bolsa pequena usada a tiracolo para conduzir objetos pequenos.

Eram abatidos nas palmeiras do jardim da Prefeitura e nos quintais frutíferos espalhados pela cidade. Ninguém duvidasse da pontaria dele. Podia até o amigo ficar com o nariz quebrado, ao receber um murro bem dado, se caísse na besteira de dizer que ali na rua o estilingue mais certo não era o do irmão. O irmão era mesmo o maioral em qualquer brincadeira ou aventura. Cada balaço que ele desferia com o estilingue acertava até em passarinho arisco, pulando nos galhos altos da árvore.



Todas as manhãs, o homem passava com o tabuleiro de verduras na cabeça, a rua ficava impregnada com o aroma vindo do verde. Colorida com o roxo da beterraba, o verde do repolho, o laranja da cenoura. Ah, viver era uma canção verde nascida da voz do verdureiro. Propagava-se no som quente que vinha dos meninos, colhendo coentro nos passeios, abóbora nas valetas, couve-flor no calçamento.



Nossa casa era pequena, ficava no quarteirão onde estavam a padaria de um lado e o açougue do outro. Acordava cedinho, do meu quarto escutava o barulho das vozes que vinha do açougue. Parecia que ali o mundo era pequeno para caber tanta gente. Um barulho intenso misturava vozes lá dentro. Certamente todos queriam ser atendidos de uma só vez, cada um multiplicava a voz para comprar a parte melhor da carne bovina. Pedia a bênção aos pais, lavava o rosto depressa e corria para a janela. O irmão já tinha ido comprar o pão e a carne fresca. No açougue, machadadas cortavam ossos e postas de carne sobre o cepo grande da jaqueira. O barulho das vozes continuava lá dentro.



Na janela requentava-me com os raios de sol, coando a manhã fresca.